

Algumas crianças, apesar de não apresentarem nenhuma deficiência física ou psíquica, têm dificuldade para se adaptar nas escolas tradicionais. Mas também não precisam frequentar escolinhas para deficientes. Em São Paulo, existem poucos colégios adequados para esses casos. Segundo a Associação Brasileira de Psicopedagogia, apenas o Colégio Graphien, na Vila Madalena, e o Piratinins, Planalto Paulista, encaixam-se nesse "meio-termo".

O Graphien atende crianças com distúrbios leves de aprendizagem e comportamento. "São crianças que, por algum motivo, estão em dificuldades e precisam ser resgatadas", explica a diretora Nívea Maria de Carvalho. O colégio Graphien oferece cursos para crianças compreendidos desde a pré-escola até a oitava série, num total de 54 alunos.

Curriculo

MATÉRIAS DIVERSIFICADAS

As salas de aula têm no máximo oito crianças, que não precisam estar necessariamente cursando o mesmo ano letivo. Essa mistura de várias séries numa mesma classe do colégio da Vila Madalena é possível por causa do atendimento individualizado que todos os alunos recebem. "É elaborado um programa pedagógico personalizado para cada um dos alunos", diz a coordenadora educacional Eneida de Souza Cintra.

Além das matérias convencionais, no currículo do Graphien entram aulas de oficina (marcenaria, culinária e horticultura) e também de apoio organizacional, como a disciplina de "formação", que Nívea resume como "conhecimento da vida". O aluno Maurício Gennari, de 18 anos, está terminando a oitava série. Estudando no Graphien há três anos, diz que a diferença entre o colégio e as outras escolas é a atenção que os professores dão aos alunos: "Se você não entendeu a matéria, pode perguntar quantas vezes quiser".

No Graphien são aplicados métodos tradicionais de punição, como suspensões e advertências.

Análise individual DO MATERIAL PEDAGÓGICO

Mas Nívea garante que o número de punições do colégio é muito menor que nas outras escolas. Segundo a diretora, os professores são orientados para tentar compreender certas atitudes agressivas que o aluno possa ter.

Na semana passada, crianças da terceira e quarta séries aprenderam a fazer cocada. A coordenadora pedagógica Maria Luísa Sampaio explica que os alunos interpretam a receita e estudam a origem dos ingredientes. "Depois de toda a atividade prática, fazem um registro por escrito, para sistematizar o conhecimento", diz. Um dos "cozinheiros", Thiago Rodrigo Oliveira, de 12 anos, conta que já aprendeu a fazer doce de morango, salada de fruta e até pizza. "A gente sempre faz uma coisa diferente", disse.

Algumas crianças com distúrbios graves de aprendiza-

Escolas onde aprender é mais fácil

São escolas especiais para crianças com dificuldades de aprendizagem

Clóvis Granchi Sbr./AE



Sala de aula das escolas especiais: para crianças que têm problemas de adaptação com os métodos tradicionais.

gem não se adaptam nem em escolinhas especializadas e têm aulas em clínicas. A psicopedagoga Leny Magalhães Mrech, professora de graduação e da pós-graduação da Faculdade de Educação da USP, trabalha há 20 anos com casos desse tipo.

A psicopedagoga, que também é psicanalista, atende a pacientes autistas, psicóticos, com distúrbios neurológicos ou com deficiências mental, visual ou auditiva. Com muitos jogos, brinquedos e música, ela ajuda as crianças a se integrarem na sociedade. "O ideal é que elas se tornem aptas para frequentar escolas tradicionais", diz Leny Magalhães Mrech.

Os materiais pedagógicos são escolhidos de acordo com cada caso. Uma etapa impor-

tante é o estabelecimento do vínculo entre o paciente e o psicopedagogo:

Crianças com distúrbios graves de aprendizagem não se adaptam a escolinhas

"A criança precisa sentir-se tranquila para começar a aprender". A maior dificuldade das crianças autistas é com a linguagem. "Algumas, superdotadas, podem ler um texto inteiro,

mas não conseguem expressar seu conteúdo", observa.

No tratamento, a criança é ajudada a construir a linguagem para conseguir expressar-se verbalmente e por escrito.



Para as crianças portadoras de deficiência mental, Leny parte do princípio de que o processo de construção do conhecimento tem que ser feito pela própria criança.

Como essas crianças tendem a "estacionar", cabe ao psicopedagogo perceber por que ela parou e ajudá-la a dinamizar o processo de aprendizagem. É salienta: "Quanto mais cedo a criança portadora de deficiência mental começar a ser trabalhada, menor será o ônus deixado pela deficiência."

Com as crianças que apresentam problemas neurológicos, Leny ajuda o desenvolvimento da motricidade e da articulação das palavras. Tanto nesse problema quanto nos outros, o tratamento individualizado é imprescindível: "Crianças com quadros neurológicos iguais têm

processos de aprendizagem diferentes."

Quanto às crianças psicóticas, Leny explica que, apesar de geralmente serem alunos muito inteligentes, não se adaptam às salas de aulas comuns devido às reações súbitas que podem apresentar.

"Elas podem delirar e ter atitudes agressivas", conta. Os delírios, segundo a psicopedagoga, não podem ser ignorados durante o tratamento: "Eles têm uma significação para a criança". Com o decorrer do processo de aprendizagem, os delírios acabam desaparecendo espontaneamente.

Leny diz que a psicopedagogia é frequentemente acusada de ser elitista e afirma que a institucionalização desse tipo de tratamento é fundamental. "No Brasil, temos pouquíssimos atendimentos em instituições públicas para crianças com distúrbios sérios de aprendizagem", lamenta.

CONSULTÓRIO MÉDICO NÃO É ESCOLA

Para criança excepcional

Crianças portadoras de deficiência mental não devem ter seu tratamento reduzido a um consultório médico. Existem escolinhas especializadas onde a criança pode brincar, ser alfabetizada e, principalmente, integrar-se na sociedade. Essas escolas, entretanto, são poucas e caras. A Indianópolis, no Brooklin, é uma das poucas que conseguem manter-se aberta, apesar dos altos custos desse tipo de ensino.

"A criança excepcional é antes de tudo uma criança", lembra Nylse Helena Cunha, dona da Indianópolis. "Ela tem o direito de aprender e se divertir." Na escola, as crianças aprendem tarefas como amarrar os cordões do sapato, hábitos de higiene e, dependendo do grau de deficiência, podem aprender a ler, escrever e fazer contas. Há um programa a ser seguido, mas é ele que se adapta à criança, e não o contrário.

Brinquedos

TÊM FUNÇÃO IMPORTANTE

"Se a criança estiver com dificuldades para acompanhar o programa, são aplicados vários recursos pedagógicos para auxiliá-la", conta a pedagoga Aparecida Heinzer, que trabalha como voluntária na escola.

Os brinquedos exercem um papel importante na aprendizagem: "Através do brinquedo, a criança atua sem estar sob pressão e a criatividade é mais liberada", diz Nylse.

A criatividade também é estimulada na oficina de artes da escola. Vários tipos de material são utilizados, inclusive sucata. Como o nível de abstração da criança excepcional é baixo, trabalhar com coisas concretas é fundamental.

O vínculo entre a família da criança deficiente com a escola também é bastante estimulado. "A escola tem que trabalhar junto com os pais, que afinal, são os primeiros educadores", afirma Nylse. Além das reuniões entre pais e professores para discutir o desempenho da criança, a Indianópolis promove reuniões periódicas entre as mães, com a presença de uma psicóloga. Os pais participam também da associação Comvida, que angaria fundos para os alunos carentes. Dos 70 alunos da escola, 22 são bolsistas.

Patrícia Oyama



Leite e artrite

Pode existir uma associação entre a amamentação e o surgimento da artrite reumatóide na mulher, segundo um estudo realizado pela Faculdade de Medicina da Universidade de Manchester, Inglaterra, e publicado no último número da revista médica *Arthritis and Rheumatism*.

A pesquisa indicou que, das 88 mulheres que desenvolveram a artrite após a primeira gravidez, 81% tinham amamentado seus bebês, enquanto na população em geral apenas 50% das mulheres amamentam seus bebês.

O risco de surgir a artrite en-



tre as mulheres que amamentam diminuiu na segunda gravidez e desapareceu na terceira.

A explicação pode estar no hormônio prolactina, que produz ao mesmo tempo leite e inflamação.

Prevenção

Mulheres que tomam o hormônio estrógeno após a menopausa para reduzir o risco de doença cardíaca podem abaixar a possibilidade de adquirirem câncer do endométrio se tomarem também o hormônio progestina. A descoberta é de uma equipe da Universidade de Washington em Seattle e foi publicada no número mais recente da revista médica *Archives of Internal Medicine*.

O estudo estabeleceu que, apesar de a progestina fazer aumentar ligeiramente o nível de gorduras no sangue, ela não aumenta o risco de ataque do coração.

Papa e divórcio

O papa João Paulo II, em sua residência de verão em Castelgandolfo, denunciou ontem "a praga do divórcio, por desgraça excessivamente espalhada", que constitui, segundo ele, "uma grande derrota da civilização humana".

Diante de centenas de peregrinos, o papa defendeu a indissolubilidade do casamento, em especial neste que para a Igreja é o Ano da Família. Ele afirmou que o divórcio, "mesmo quando é legal, não deixa por isso de representar uma das grandes derrotas da civilização humana". João Paulo II destacou que sabia estar "na contracorrente".

PRESS